



ROSA POMAR /

O manual da detective das lãs

“Malhas Portuguesas. História e Prática do Tricot em Portugal, com 20 Modelos de Inspiração Tradicional”, é um livro que podia bem ser um cancionário das malhas. **Carolina Pelicano Falcão** conversou com a autora, Rosa Pomar, e aventurou-se no tricot

Podemos dizer que as histórias sempre interessaram a Rosa Pomar. Mas, se a aventura começou pela História, área em que se formou, o mundo depois desenrolou-se qual novelo de lã, e Rosa foi atrás. O seu novo livro é exemplo disso e resultado de três anos de pesquisa e de galgar Portugal de norte a sul, sem esquecer as ilhas. Nele estão reunidas três etapas fundamentais, que fazem com que seja muito mais que um manual didático de tricot.

As pesquisas em museus e bibliotecas, que permitiram à autora aventurar-se num primeiro esboço sobre a história desta técnica em Portugal (como nos conta no prefácio) seguiu-se a aproximação em primeira pessoa às fontes mais incontornáveis do tricot, as mãos obreiras que o tecem. “Isto é um trabalho um bocado de detective, que implica passar muito tempo ao telefone, implica descobrir quem é que na aldeia tal sabe fazer isto ou aquilo”, conta ao *i*.

Rosa fez-se acompanhar nestas andanças de um outro recolector de histórias. “Nos últimos anos este trabalho tem sido feito em conjunto com o meu marido, que é o Tiago Pereira, que faz recolhas na área da música tradicional, e muitas vezes acabámos por fazer recolhas juntos. Ele está à procura de umas coisas, eu de outras.” É assim, no embalo de músicas e agulhas, que se desvelam as histórias do tricot. Desengane-se se pensa que não tem que se lhe diga. As espe-

cificidades desta arte vão de uma maneira portuguesa de pegar ora no fio, ora nas agulhas, às diferenças regionais. “Existem peças absolutamente específicas. Os casos mais interessantes são, por exemplo, um tipo de meias muito bonitas que só se fazem numa aldeia no Alentejo, mais ninguém faz aquilo a não ser aquelas senhoras naquele sítio. Nos Açores também há três peças que só se fazem em determinada ilha.” E explicações para isto? Rosa Pomar acredita que sejam o isolamento regional de certas zonas. Mas estas certezas nem Rosa nem a história saberão garantir.

Mais uma vez, como em tantos outros casos, a culpa e o mérito do perdido e do conhecido ficam a cargo da tradição oral. O tricot não escapou à fórmula, como Rosa pôde comprovar. “Estas pessoas, mesmo aquelas que fazem peças superelaboradas, nunca leram um livro sobre tricot, nem sequer sabem interpretar instruções escritas. Normalmente o que têm são amostras e trabalham à vista. Ao olhar para uma peça conseguem perceber imediatamente como ela foi feita e reproduzi-la. É um saber que se transmite oralmente.”

O saber é tão antigo como os utensílios. Hoje faz-se tricot como há mil anos. “As pessoas que eu entrevistei nas aldeias fizeram elas próprias as suas primeiras agulhas, foram feitas de pauzinhos apanhados no campo, ou feitas a partir de varetas de guarda-chuvas ou raios de bicicleta”, explica a autora.

“Malhas Portuguesas” é então também





Livros

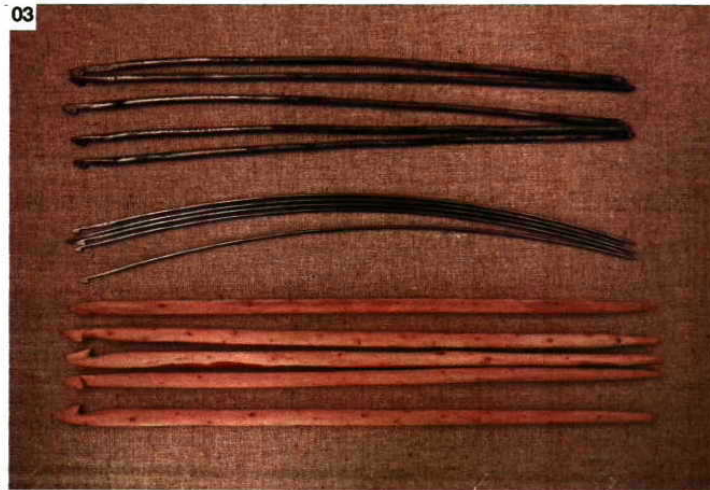


01

01 Os livros práticos de tricot e a bibliografia histórica e etnográfica exploraram muito pouco o universo das malhas populares portuguesas. Rosa Pomar (à esquerda) foi procurar as tradições mais antigas

02 Meias típicas da serra de Ossa, no Alentejo, entre Estremoz e o Redondo. São de linha

03 Podemos fazer agulhas de quase tudo e a imaginação nacional não tem limites. De raios de bicicleta a paus



03



02

um livro de segredos. De segredos perdidos resgatados. Rosa Pomar conta-nos coisas que contam as malhas e que não apareceram nos livros de pesquisa. "Uma surpresa para mim aconteceu na serra de Montemuro, onde encontrei uma senhora que fazia o ponto de tricot de uma maneira que eu nunca tinha visto [existem dois pontos principais], foi uma coisa completamente inédita. Registei-a e é uma das técnicas que estão no livro."

Rosa Pomar está vinculada às malhas e ao tricot não só pelo projecto desenvolvido para o livro mas também porque é proprietária da loja Retrosaria, ao seu alcance no Chiado de Lisboa, ou através do site retrosaria.rosapomar.com. Ri-se quando diz que a loja é uma maneira de financiar o trabalho que faz, o de pesquisa. Mesmo que assim seja, Retrosaria e trabalho de pesquisa são partes do mesmo todo. Rosa explica: "Tenho consegui-

do criar e ter à venda na loja fios para fazer malha fiados à mão numa aldeia de Trás-os-Montes, ou numa aldeia do Baixo Minho, fios que são feitos de lã de raças portuguesas, feitos em Portugal da origem ao fim. Por outro lado, o facto de dar workshops na loja também me permite fazer a ponte entre a pesquisa que faço e o público completamente urbano."

Há um facto que surpreende Rosa, entre o público que povoa os workshops da Retrosaria: "Hoje em dia é mais fácil encontrar pessoas a quererem fazer meias em Lisboa que em Trás-os-Montes. As pessoas que estão nas aldeias e ainda conservam este saber que adquiriram de forma tradicional não têm muito a quem ensinar." As explicações são ainda especulações, talvez um mix, como diria Rosa, entre revivalismo, a moda do regresso às origens e a valorização do património. Seja como for, este fenómeno está desengradado da sua origem, diz-nos Rosa. "Isto ainda não chegou às aldeias, e espero que chegue antes de essas pessoas morrerem, porque depois já não há ninguém para ensinar."

Rosa Pomar sabe que este trabalho se encontra longe de estar finalizado. "No livro faço uma síntese de uma coisa de que ainda não é possível fazer síntese porque quase não existem levantamentos feitos." Haverá ainda muitas histórias por descobrir? "Há muitas, sim, sim. Não só nas colecções que ainda não foram estudadas, como nos sítios ainda existem muitas coisas por conhecer."



MALHAS PORTUGUESAS
Rosa Pomar
Civilização
19,79€

Passo a passo

"Malhas Portuguesas" dedica um capítulo a ensaiar o passo a passo para se iniciar ou continuar a sua aprendizagem no tricot, com infografias e legendas. Montagem simples, à portuguesa, malha de liga ou de meia, são alguns dos pontos e técnicas que poderá aprender. O i aventurou-se a testar este manual. Não é fácil mas é possível. Por questões de fecho, fizemos batata, recorrendo a mãos mais experientes.



Vamos começar

A montagem é o mais complicado e o que levou mais tempo.



Apertar

Após algumas tentativas, percebemos que apertar é o segredo.



Conseguimos

Depois de várias tentativas (entenda-se que nunca tínhamos feito tricot) conseguimos terminar uma carreira.



Malha de liga

Chegámos a bom porto. Mas tivemos ajuda para acelerar o processo.



Cachecol ou gola?

As instruções são práticas e depois dos passos básicos, é escolher o projecto.